



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

SUELI SIBÂDI XERENTE

**ENCONTRO DE SABERES: MULHERES AKWÊ CULTIVANDO AFETOS E
TECENDO SABERES**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

Sueli Sibâdi Xerente

Encontro de saberes: mulheres Akwẽ cultivando afetos e tecendo saberes

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador (a): Prof. Dr. Odilon Rodrigues de Moraes Neto

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

X6e Xerente, Sueli Sibâdi.

Encontro de saberes:: mulheres Alowê cultivando afetos e tecendo saberes. / Sueli Sibâdi Xerente. – Miracema, TO, 2025.
30 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2025.

Orientador: Odilon Rodrigues de Moraes Neto

1. Tradição. 2. Família. 3. Palha do buriti. 4. Ensino-aprendizagem. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SUELI SIBÂDI XERENTE

ENCONTRO DE SABERES: MULHERES AKWÊ CULTIVANDO AFETOS E TECENDO
SABERES

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____04__ / ____08____ / ____2025__

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Odilon Rodrigues de Moraes Neto – Orientador - UFT.

Prof. Dr. Suiá Omim Arruda de Castro Chaves – Examinador - UFT.

Prof. Dr. Luciane Silva de Souza – Examinador - UFT.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Odilon, pela orientação atenciosa e pelas contribuições fundamentais a este trabalho, e à Professora Noemi, pelo incentivo constante ao longo da pesquisa. Expresso meu mais profundo agradecimento à minha mãe, Neuza Nammâdi Xerente, cuja força, sabedoria e presença são a base deste TCC e da minha caminhada. A todas as pessoas que, com gestos, palavras e apoio, contribuíram para esta trajetória, deixo minha sincera gratidão.

RESUMO

O objetivo central da pesquisa é descrever as técnicas de fazer cofos da palha de buriti. O que sabem as mulheres Akwẽ sobre as formas de ensinar e aprender na confecção de trançados do cofo? Quais são os processos próprios de ensino e aprendizagem de peças trançadas com a palha e a fita de Buriti? Na minha trajetória como estudante de pedagogia escolhi estudar e aprender sobre os trançados feitos com a palha e fibra de buriti, com os quais eu não manuseava pois estava completamente envolvida com a confecção de artefatos feitos de capim dourado. Senti que era importante aprender e entender melhor sobre a palha de buriti, pois esse saber faz parte da tradição do meu povo e da história das mulheres da minha família. Por isso me voltei a olhar com mais carinho e respeito pela sabedoria da minha mãe, que me ensinou com paciência o modo de extrair, preparar e trançar a palha, respeitando o tempo da natureza. Os ensinamentos artesanais desse processo de aprendizagem com minha mãe foram essenciais não apenas para mim, como sua filha, mas também como futura pedagoga Akwẽ porque me ajudou a compreender que a pedagogia indígena também acontece no corpo, no fazer e na oralidade.

Palavras-chave: Tradição. Família. Palha do buriti. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The main objective of the research is to describe the techniques used to make buriti straw baskets. What do Akwẽ women know about teaching and learning how to make woven baskets? What are the specific processes for teaching and learning how to make woven items using buriti straw and ribbon? In my career as a student of education, I chose to study and learn about weaving with buriti straw and fiber, which I had never worked with before, as I was completely involved in making artifacts from golden grass. I felt it was important to learn and understand more about buriti straw, as this knowledge is part of my people's tradition and the history of the women in my family. That is why I began to look with more affection and respect at my mother's wisdom, who patiently taught me how to extract, prepare, and weave the straw, respecting the time of nature. The artisanal teachings of this learning process with my mother were essential not only for me, as her daughter, but also as a future Akwẽ educator, because it helped me understand that indigenous pedagogy also happens in the body, in doing, and in oral tradition.

Keywords: Tradition. Family. Buriti straw. Teaching-learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Pizu wdê – pé de buriti. Sueli Sibâdi.....	13
Figura 2– Coletivos de Buriti com seus cachos de frutos maduros. Sueli Sibâdi.....	14
Figura 3–Visita ao brejo com minha mãe.....	16
Figura 4- Manejo do material coletado do buriti.....	17
Figura 5- Início da confecção do cofo.....	18
Figura 6- Entrelaçado na confecção do cofo.....	19
Figura 7- Desenho cofo pronto.....	20
Figura 8- Começo do rançado do Siktõ krtabi.....	21
Figura 9- Forma do trançado Siktõ krtabi.....	22
Figura 10- Modelagem do corpo no traçado.....	22
Figura 11- Cofo Siktõ krtabi pronto.....	23
Figura 12- Cofo Siktõ kuzuirê pronto.....	25
Figura 13- Cofo Siktõ Nrirê pronto.....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PIZU WDê	12
3	TRANÇADOS: COFOS	18
3.1	Skrã	18
3.2	Siknõ krtabi	20
3.3	Siktõ kuzuirê.....	23
3.4	Siktõ Nrirê	25
4	CONCLUSÃO: PEDAGOGIAS ANCESTRAIS VIVAS.....	28
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Eu sou Sueli Sibâdi da Silva Xerente, artesã, pedagoga em formação, mulher indígena do povo Akwê Xerente, nascida no dia 24 de outubro de 1985, e moradora da aldeia Piabanha. Sou casada, tenho duas filhas e quatro netos. Na minha trajetória como estudante de pedagogia escolhi estudar e aprender sobre os trançados feitos com a palha e fibra de buriti, com os quais eu não manuseava pois estava completamente envolvida com a confecção de artefatos feitos de capim dourado.

Cursei as disciplinas “Antropologia e Educação” e “Educação Escolar Indígena”, ministrada pelo professor Odilon Rodrigues, e ao estudar os processos de ensino e aprendizagem próprios do meu povo, percebi que as pedagogias Akwê estão distribuídas em diferentes práticas sociais, inclusive na confecção de artefatos para uso pessoal, ritual ou comercial. O professor me incentivou a pesquisar as pedagogias próprias do processo de fabricação dos trançados feitos com a palha e a fibra do buriti, artefatos que eu nunca havia feito com minhas próprias mãos, mas que havia crescido vendo minha mãe fabricalos. Minha mãe é uma grande artesã. Ela não trabalha com capim dourado, apenas com buriti.

Senti que era importante aprender e entender melhor sobre a palha de buriti, pois esse saber faz parte da tradição do meu povo e da história das mulheres da minha família. Por isso me voltei a olhar com mais carinho e respeito pela sabedoria da minha mãe, que me ensinou com paciência o modo de extrair, preparar e trançar a palha, respeitando o tempo da natureza. Os ensinamentos artesanais desse processo de aprendizagem com minha mãe foram essenciais não apenas para mim, como sua filha, mas também como futura pedagoga Akwê porque me ajudou a compreender que a pedagogia indígena também acontece no corpo, no fazer e na oralidade. O saber está distribuído no corpo e na natureza, nas mãos, nos olhos, nas palhas, nos buritizais, nas estações do ano e na escuta entre as gerações.

Trazer esse tema para minha pesquisa de conclusão de curso foi uma forma de valorizar o conhecimento tradicional e fortalecer minha identidade como mulher indígena artesã, educadora, mãe e avó. Acredito que a pedagogia precisa reconhecer e respeitar os saberes do povo Akwê Xerente como parte de um ensino intercultural e contracolonial. Eu posso dizer que escrevi um artigo no papel e outro no trançado da palha de buriti, na forma de cofo de diferentes estilos. Aprendi a fazer três trançados de palha de buriti, que são artefatos muito antigos e que continuam vivos sendo confeccionados por diferentes gerações de mulheres e homens akwê.

Este artigo foi escrito como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Trata-se de uma pesquisa colaborativa que faz parte do projeto de pesquisa,

coordenado pelo professor Dr. Odilon Rodrigues, intitulado “Saberes, pedagogias e territorialidades indígenas no antropoceno”. Escrito em coautoria, o artigo reflete sobre os processos próprios de ensino e aprendizagem da confecção de peças trançadas com materiais do “pé de buriti” – kuĩ wdê/pizu wdê – por meio de uma série de conversações com a senhora Neuza Nammâdi Xerente, mãe de Sueli Sibâdi, e com a professora e mestra Noemi Waktradi, duas grandes conhecedoras dos modos de fazer e usar cofos.

O objetivo central da pesquisa é descrever as técnicas de fazer cofos da palha de buriti. O que sabem as mulheres Akwê sobre as formas de ensinar e aprender na confecção de trançados do cofo? Quais são os processos próprios de ensino e aprendizagem de peças trançadas com a palha e a fita de Buriti? A problemática da pesquisa foi construída em colaboração com o professor/orientador da pesquisa no contexto das disciplinas Antropologia e Educação, e que continuou na disciplina Educação Escolar Indígena, culminando nas atividades de pesquisa orientada no âmbito do projeto acima mencionado, “Saberes, pedagogias e territorialidades indígenas no antropoceno¹”.

A metodologia básica da pesquisa, cujos resultados apresentamos nesse artigo, consiste no encontro de saberes entre a universidade, desenvolvidos no curso de

Pedagogia, e o mundo vivido de mulheres Akwê, especialmente da minha mãe, uma grande mestra artesã e conhecedora das técnicas de confecção de cofos, esteiras e abanos, entre outras peças feitas com materiais da palmeira de buriti. A metodologia assim delineada visava inverter uma prática comum em cursos de Pedagogia com matrizes curriculares monoepistêmicas, a saber, a exclusão das mestras e mestras das comunidades do povo Akwê como docentes e referências epistêmicas na formação de pedagogo/as no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, no campus de Miracema do Tocantins, localizado na vizinhança da Terra Indígena Xerente e Funil, habitada por pessoas Akwê Xerente.

Este artigo foi escrito como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia. Trata-se de uma pesquisa colaborativa que faz parte do projeto de pesquisa, coordenado pelo professor Dr. Odilon Rodrigues, intitulado “Saberes, pedagogias e territorialidades indígenas no antropoceno”. Escrito em coautoria, o artigo reflete sobre os

¹ O presente projeto de pesquisa visa reunir e orientar estudos de iniciação científica e/ou projetos de trabalho de conclusão de curso sobre a temática da educação escolar indígena ofertada nas terras indígenas do Estado do Tocantins. Inspirados pelas ações de extensão dos "Saberes Indígenas na Escola" propomos nesse projeto uma pesquisa sobre as práticas e os conteúdos didáticos utilizados nos processos de letramento em línguas indígenas, como língua materna, e portuguesa, como segunda língua, na produção bibliográfica publicada e distribuídas como recurso didático (e/ou literário) nas escolas Xerente, Krahó e Apinaje. O objetivo é contribuir com uma interpretação antropológica das práticas pedagógicas de multiletramento fundamentadas nas epistemologias, cosmologias e pressupostos ontológicos geralmente subsumidos sob a expressão “saberes indígenas”.

processos próprios de ensino e aprendizagem da confecção de peças trançadas com materiais do “pé de buriti” – kuĩ wdê/pizu wdê – por meio de uma série de conversações com a senhora Neuza Nammâdi Xerente, mãe de Sueli Sibâdi, e com a professora e mestra Noemi Waktradi, duas grandes conhecedoras dos modos de fazer e usar cofos.

O objetivo central da pesquisa é descrever as técnicas de fazer cofos da palha de buriti. O que sabem as mulheres Akwê sobre as formas de ensinar e aprender na confecção de trançados do cofo? Quais são os processos próprios de ensino e aprendizagem de peças trançadas com a palha e a fita de Buriti? A problemática da pesquisa foi construída em colaboração com o professor/orientador da pesquisa no contexto das disciplinas Antropologia e Educação, e que continuou na disciplina Educação Escolar Indígena, culminando nas atividades de pesquisa orientada no âmbito do projeto acima mencionado, “Saberes, pedagogias e territorialidades indígenas no antropoceno”.

A metodologia básica da pesquisa, cujos resultados apresentamos nesse artigo, consiste no encontro de saberes entre a universidade, desenvolvidos no curso de

Pedagogia, e o mundo vivido de mulheres Akwê, especialmente da minha mãe, uma grande mestra artesã e conhecedora das técnicas de confecção de cofos, esteiras e abanos, entre outras peças feitas com materiais da palmeira de buriti. A metodologia assim delineada visava inverter uma prática comum em cursos de Pedagogia com matrizes curriculares monoepistêmicas, a saber, a exclusão dos mestras e mestras das comunidades do povo Akwê como docentes e referências epistêmicas na formação de pedagogo/as no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins, no campus de Miracema do Tocantins, localizado na vizinhança da Terra Indígena Xerente e Funil, habitada por pessoas Akwê Xerente. Assim,

A pesquisa propriamente dita foi realizada em seis encontros entre filha, estudante de pedagogia, e sua mãe, mestra artesã. Esses encontros foram complexos pois envolviam não só um conjunto de questões e práticas de pesquisa criadas na universidade sob a etiqueta de conhecimento científico, mas também uma profusão de emoções e afetos próprios de uma relação de parentesco entre mulheres maduras de diferentes gerações em torno de práticas de conhecimento ancestrais sobre a vida das pessoas no território, relacionadas com outros habitantes do cerrado, antigos habitantes como são os buritizais. Uma dupla exclusão, aliás: de mulheres akwê e buritis; ambas não fazem parte da pedagogia hegemônica que se auto identifica como científica e humanista, refletindo a própria “gênese da nossa configuração acadêmica, marcada por uma colonização quase absoluta do modelo eurocêntrico de universidade moderna [...]” (CARVALHO, 2020, p. 15).

O primeiro encontro cuidou de apresentar o projeto de pesquisa para Neusa Namnâdi nos termos de um trabalho que tinha um duplo objetivo: 1) ensinar a Sueli Sibâdi os modos de fazer cofos; 2) descrever o processo de aprendizado dos objetos e refletir sobre as pedagogias próprias de ensino e aprendizagem desses objetos. O segundo, terceiro e quarto encontro

consistiram na confecção propriamente dita de três estilos de cofos. O quinto e sexto encontro trataram de aperfeiçoar o aprendizado em torno das formas apropriadas de coletar os materiais utilizados na confecção das peças.

O diálogo com a professora e mestra Noemi foi fundamental para a conclusão dessa pesquisa. Com ela tive a oportunidade de entender as pedagogias dos trançados dos três tipos de cofos que aprendi com a minha mãe, e também compreender como descrever esses saberes numa linguagem escrita. Noemi me chamou atenção para uma questão muito importante que é a necessidade de aprender a confeccionar cofos e outros artefatos como uma pedagogia análoga ao processo de aprendizado da escrita e da leitura. Para ela, há uma oposição complementar entre tecer e escrever, e que ambas as técnicas envolvem saberes que não se excluem, pelo contrário, se implicam mutuamente.

O artigo está organizado em duas seções que articulam desenhos, imagens fotográficas e texto, e uma conclusão. A primeira seção descreve de forma geral o Buriti e seus usos, da forma como é conhecida pelas pessoas Akwẽ Xerente. A segunda seção trata ensaia a criação de um manual dos modos de aprender, ensinar e fazer peças trançadas com materiais extraídas dos buritis. Para concluir buscamos sistematizar em linhas gerais os processos próprios de ensino e aprendizagem da confecção de cofos, que podem servir como inspiração para criação de práticas pedagógicas e metodologias de ensino de multiletramento na educação escolar indígena Xerente.

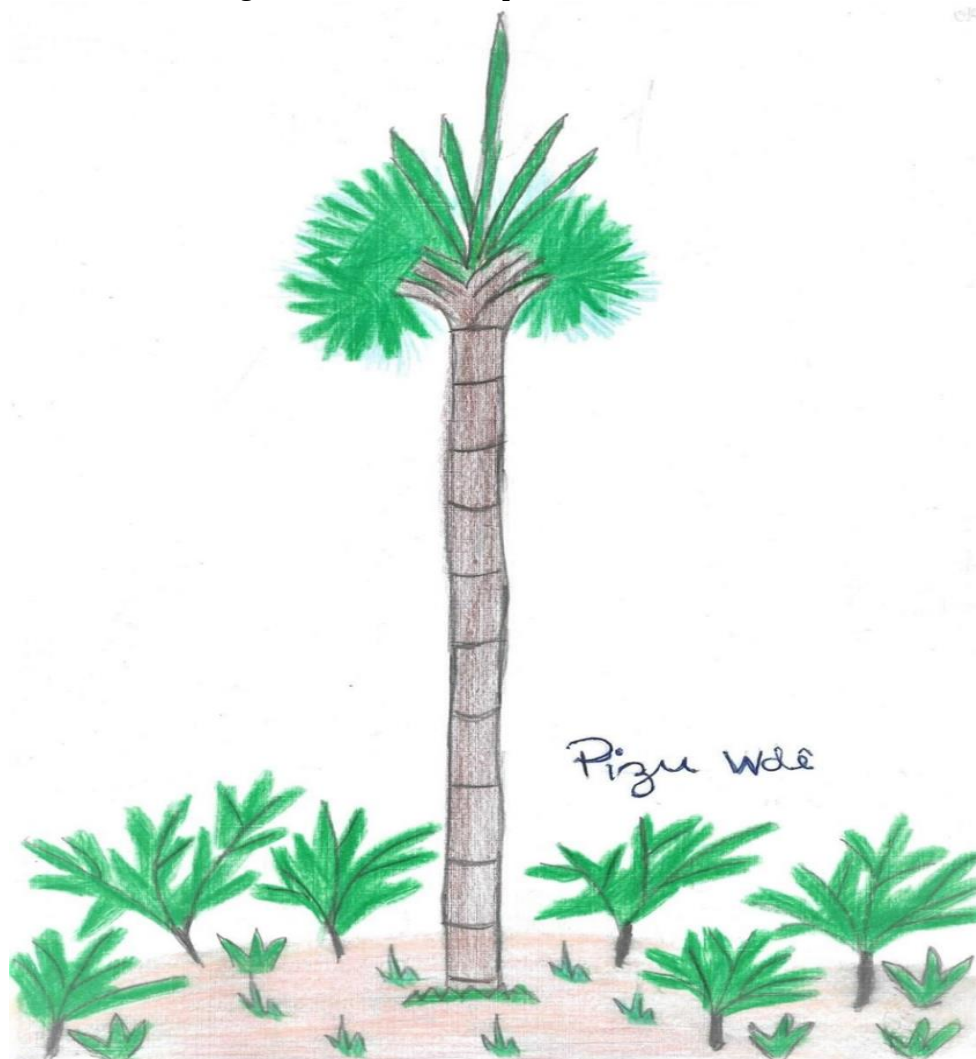
2 PIZU WDÊ

Pizu wdê, é uma planta muito valorizada entre as pessoas Akwê Xerente, pois convivem com ela há muito e muitos anos, pessoas e buritis são como se fossem espécies companheiras (Haraway, cf.), pois vivem juntas e as pessoas dependem dos buritis assim como eles são também dependentes das pessoas. É encontrada especialmente nos brejos, onde tem água. É uma planta com tronco grosso e o pé muito alto, chegando a medir, mais ou menos, 30 a 40 metros de altura.

Pizu wdê nunca está sozinho, sempre vem acompanhado de outros pés de buriti, são coletivos de buriti. A imagem de um buritizal representa uma paisagem muito especial e cheia de significado principalmente para os povo indígenas como o/as Akwê Xerente. O pé de buriti nunca nasce só, e sempre cresce em uma área úmida como beiras de rio e veredas. Quando uma semente de Buriti brota e cresce ela prepara o solo e a água ao redor para que outros Buriti possam crescer também. Eles se protegem uns aos outros compartilham a mesma água e cresce em comunidade.

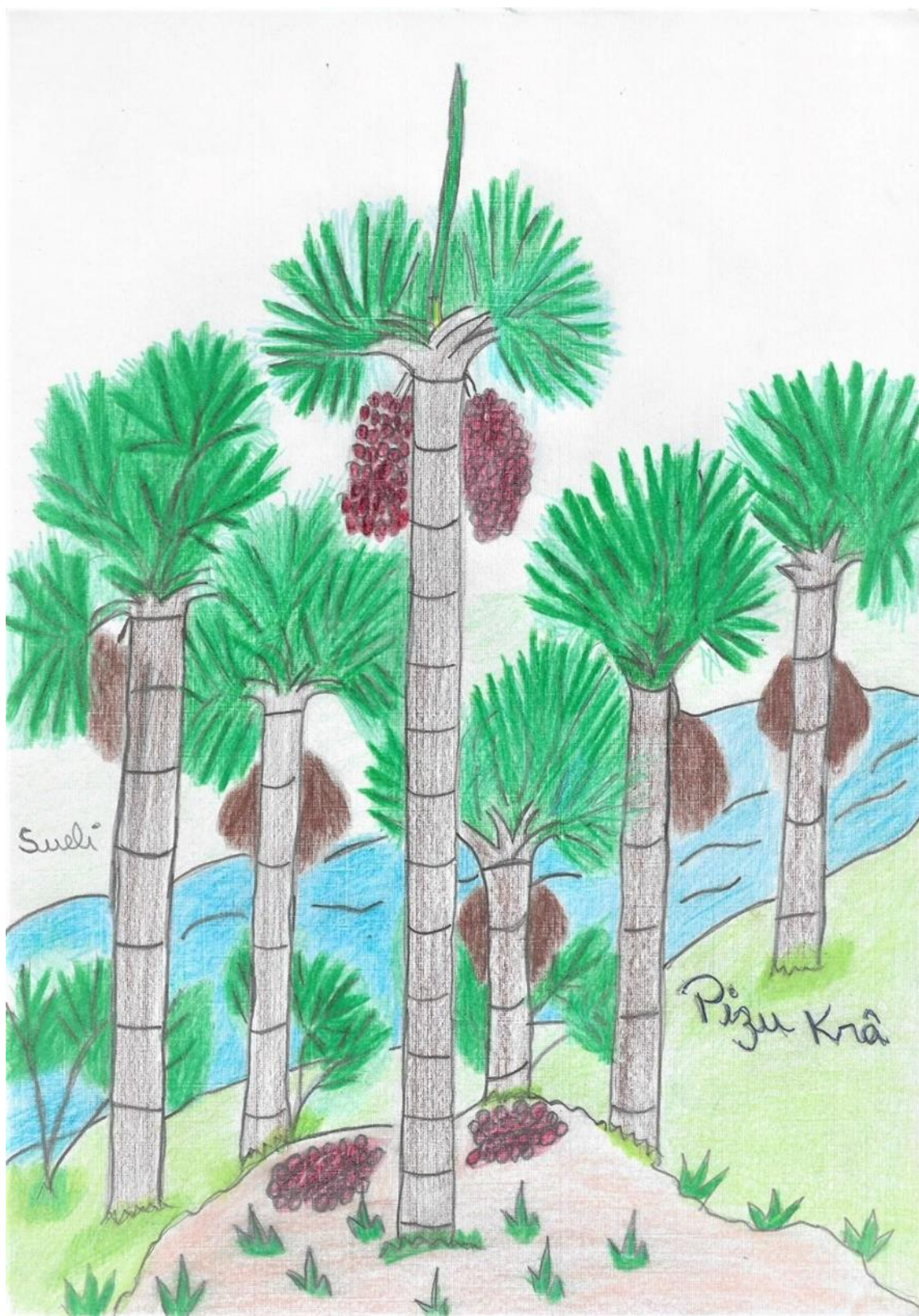
Eu entendo a presença de buritizais na paisagem como uma importante lição para as pessoas, assim como o buriti não nasce sozinho o povo também não vive nem cresce sozinho. Para nascer e crescer precisamos da associação de um conjunto de pessoas relacionadas por parentesco e afinidade em um território. O Buritizal nos ensina que ninguém cresce sozinho. O pé de Buriti sempre vem com outros porque ele precisa uns dos outros para viver, assim como nós.

Figura 1– Pizu wdê – pé de buriti. Sueli Sibâdi.



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 2– Coletivos de Buriti com seus cachos de frutos maduros. Sueli Sibâdi.



Fonte: Autoria própria (2025).

O desenho de um pé de buriti maduro, com frutos, o que ocorre entre os meses de outubro a dezembro, mostra quando cachos de frutos amadurecem no alto do pé de buriti, alguns cachos e frutos também vão caindo e ficam sob o solo. Todas as partes de Pizu wdê são usadas pelas pessoas Akwê: o tronco, a palha e a fruta.

Da fruta, utilizamos principalmente como alimento. Quando ela cai do pé, coletamos os frutos e colocamos de molho para que a casca fique mole e assim podermos extrair a polpa do fruto. Desta polpa podem ser feitos sucos e óleos com propriedades medicinais. Para extração do óleo do buriti os frutos devem estar maduros, aqueles que caíram no solo sem a intervenção das pessoas. O uso do óleo entre as pessoas Akwê é muito antigo, sendo utilizados para tratamento de gripes, tuberculose, pneumonia e também para picada de cobra. O óleo também é recomendado para qualquer pessoa, de diferentes idades, inclusive mulheres gestantes também pode fazer uso, sem restrição.

Da palha, utilizamos para a cobertura das casas. A palha de Buriti utilizada pelas comunidades indígenas Akwê principalmente para construir casas e fazer artesanato. No entanto há períodos em que não é permitido tirar a palha, especialmente quando é lua minguante, pois ela pode ficar fraca e estragar rápido, ou atrair pragas de insetos roedores. O respeito ao tempo da natureza, como as fases da lua, é essencial para garantir a qualidade do material e manter o equilíbrio do ecossistema que compartilhamos com outros habitantes não humanos do cerrado.

A palha pode ser retirada tanto verde ou seca dependendo do uso e da tradição da comunidade. Nós sabemos que a lua não está boa para tirar a palha de Buriti observando as fases da lua ensinada pelos mais velhos. Quando a lua está cheia ou minguante, por exemplo, a palha pode ficar fraca quebradiça ou não secar direito, e é nesse momento que evitamos tirar a palha. A melhor fase para retirada da palha é Lua Nova ou crescente porque a palha fica mais forte e resistente.

O olho de buriti é utilizado na confecção de artesanato do povo Akwê. Do talo desse material se confecciona a tapiti, abanador, cofos e outras coisas. Por essas razões é de extrema importância a preservação dos buritizais.

Minha mãe também falou que tem que ser na lua crescente para tirar a fita de Buriti, e não é qualquer pessoa que pode fazer isto, é aconselhável que seja um homem e que para aprender é necessário acompanhar uma pessoa experiente que saber andar no brejo. Isso tem que ser ensinado, é geralmente um parente mais velho que ensina um jovem como tem que ser para extrair a fita do buriti.

A minha mãe só faz artesanato da fita de Buriti porque ela fala que o capim Dourado cega a pessoa. O capim brilha igual ouro e o capim veio do brejo alongando onde tem ouro, e isso prejudica a visão. Ela nunca confeccionou artefatos de capim dourado, mesmo com o alto valor comercial que ele tem em relação aos artefatos de fita de buriti. Depois de extrair a fita e prepara-la é necessário expô-la no sol por 4 dias para que fique seca.

Eu não aprendi bem extrair a fita de buriti da maneira correta para fazer os diferentes tipos de trançados para os artefatos. Como minha mãe não consegue mais entrar nos brejos para extrair a fita do buriti, eu não aprendi a técnica da extração. Eu tentei duas vezes ir sozinha ao brejo para extrair a fita do buriti mas não consegui apenas com as orientações da minha mãe. Sem a sua presença eu não consegui extrair corretamente a palha para fazer os cofos - porque são palhas diferentes de uma das outras, conforme o tipo de cofo a ser confeccionado - nem a fita do olho do buriti para fazer outros trançados.

Figura 3– Visita ao brejo com minha mãe.



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 4- Manejo do material coletado do buriti.



Fonte: Autoria própria (2025).

Para um estilo de cofo tira-se duas palhas e para outro estilo extrai-se quatro palhas e outra com seis palhas. São diferentes tipos de corte da palha, e essa técnica eu ainda preciso aprender melhor para buscar no cerrado os materiais necessários.

3 TRANÇADOS: COFOS

Nesta seção vamos aprender um pouco mais sobre os modos de fazer e usar com a palha do buriti. Vamos aprender como fazer cofos. Para aprender sobre isso eu consultei a minha mãe, que eu considero com uma grande mestra dos artefatos feitos com o talo e o olho do buriti.

3.1 Skrã

O cofo skrã é feito de forma provisória e rápida para armazenar frutos ou presas quando a pessoa está caminhando no cerrado. Skrã é como se fosse uma bolsa para transportar coisas e é feito da palha verde de Buriti e serve para carregar coisas pequenas, não tão grandes. Por exemplo, serve para carregar carne de caça e peixe, frutas como bacaba, Buriti, etc. Este cofo é feito para usar de emergência na mata, de uso temporário e descartável, usado somente naquele dia em que foi confeccionado, pois estraga facilmente.

O trançado do cofo é um saber artesanal que continua sendo transmitido entre gerações de mulheres akwẽ. Para preparação é retirado a palha de buriti verde e natural. Separa-se em partes iguais, em tiras para a base e para o trançado lateral que é atravessado de canto a canto.

Figura 5- Início da confecção do cofo.



Fonte: Autoria própria (2025).

Segundo minha mãe, o cofo skrã só pode ser feito com a palha verde na mesma hora que é retirado, e todas as palhas têm que ser cortada com facão com maior cuidado porque pode

cortar a palha, e se cortar a palha não presta mais, todas as palhas tem que ser verde e a que sair primeiro que fica no meio.

Figura 6- Entrelaçado na confecção do cofo.



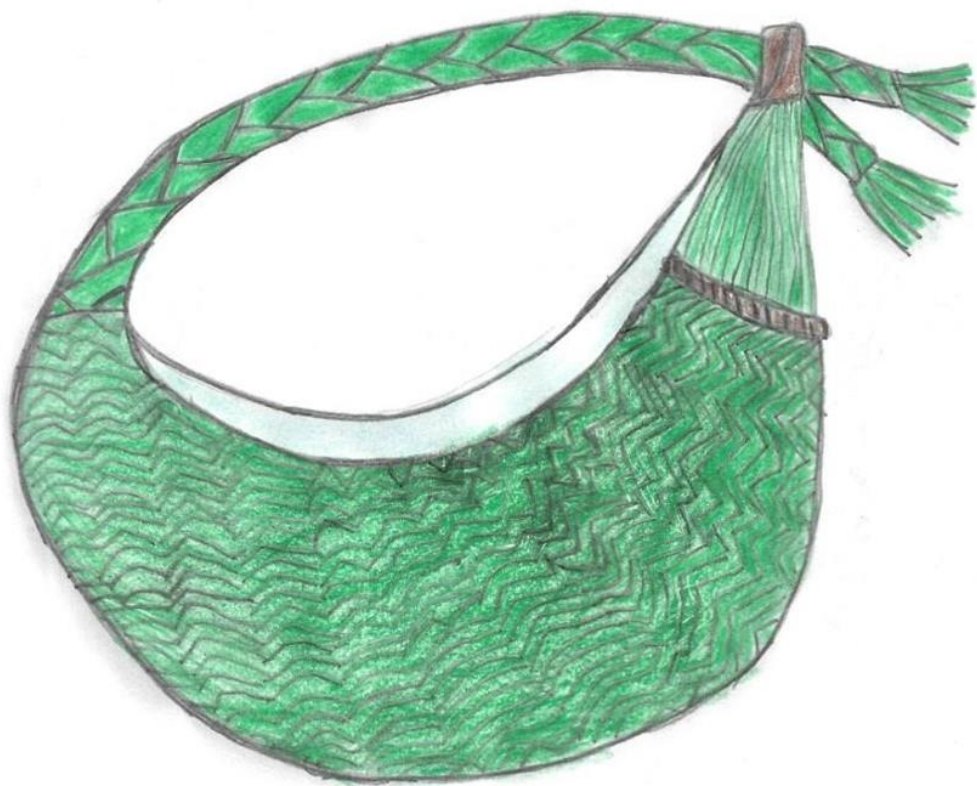
Fonte: Autoria própria (2018).

Passo a Passo:

1. Escolha e Prepare a Palha:
 - Escolhe a palha flexível e resistente para que o trançado não se quebre facilmente.
 - Corte a palha e divide ao meio.
2. Inicie o trançado:
 - Comece com as duas mãos fazendo com que duas palhas cruze-as para forma um padrão de "X".
 - Depois, vá alternando as tiras de forma que se entrelaçam. Isso pode ser feito da seguinte forma de dois em dois uma vai, em baixo e a outra vai por cima da outra.
3. Continuação do trançado:
 - Continue trançando as tiras mantendo o padrão de entrelaçam até atingir o comprimento desejado.

- A cada volta, ajuste a posição das tiras para que fiquem bem firmes e com um padrão de trançado bonito e uniforme.
4. Finalização:
- Quando alcançar o tamanho necessário, finalize o trançado.
 - No final é necessário fazer um trançado tipo quando faz no cabelo para servir como alça e assim termina confecção do cofo Skrã.

Figura 7- Desenho cofo pronto.



Sueli SKRã

Fonte: Autoria própria (2025).

3.2 Siknõ krtabi

Siktõ krtabi é uma forma antiga de trançado feita pelas mulheres akwẽ xerente, técnica usada principalmente para confecção de cofo mais elaborado do que é o Skrã. Como disse acima, segundo a minha mãe, assim como é feito para o cofo Skrã, a palha é retirada quando a

lua é nova ou crescente. É necessário respeitar o tempo próprio em que possamos retirar a palha do buriti de acordo com as fases da lua.

Colhida nesse período, a palha fica mais flexível e resistente. A palha de Buriti tem que ser retirada com cuidado e respeito, ela não é simplesmente um recurso natural, um objeto sem vida ou sentimento, ela é parte do corpo do buriti e de sua relação própria com a lua. As pessoas mais antigas sabiam bem compreender o modo de vida em que buritizais e lunações se influenciavam mutuamente. Segundo a mestra Noemi, é aconselhável saber preces de palavras bonitas para pedir licença aos buritis por retirar parte de seu corpo.

Passo a passo Siktõ krtabi:

1. Coleta das Palhas:

Usa-se a palha de buriti ou de palmeiras nativas.

As folhas são colhidas verdes.

2. Preparação das tiras:

As palhas são cortadas em tiras finas e uniformes. As pontas são amaciadas para facilitar o trançado.

3. Início do trançado (fundo):

Divide a palha ao meio e começar entrelaçando as tiras em formato cruzado.

O trançado segue em espiral, com a mão direita vai duas tiras por baixo, e com a mão esquerda vai duas tiras por cima e assim continuar até o ponto final.

Figura 8- Começo do trançado Siktõ krtabi.



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 9- Forma do trançado Siktõ krtabi.



Fonte: Aatoria própria (2025).

4. Modelagem do corpo:

Conforme o trançado avança, a forma do cesto vai sendo moldada com as mãos:

Figura 10- Modelagem do corpo no traçado.



Fonte: Aatoria própria (2025).

5. Finalização (borda e alça):

A parte superior é finalizada com um trançado reforçado, às vezes conosco.

Pode ser colocada uma alça feita de fibras torcidas do olho de buriti.

Figura 11- Cofô Siktô krtabi pronto.



Fonte: Autoria própria (2025).

3.3 Siktô kuzuirê

Segundo a minha mãe, este estilo de cofos podem ser feitos diversos tamanhos. Pequenos e grandes, dependendo da habilidade que vamos adquirindo na confecção dos cofos. Podem ser feitos de três ou quatro palhas, e eles ficam mais resistentes, suportam mais peso. As palhas podem ser verdes ou secas. Se forem verdes, coloca-se no sol por dois ou três dias para secarem.

Passo a Passo-Siktô Kuzuirê

1. Com a palha de buriti:
 - Escolha folhas maduras, secas ao sol por volta de 2 dias mas ainda flexíveis.
 - Corte a palha em tiras uniformes (largura média ou fina, dependendo do detalhe do trançado).

 2. Início da base:
 - Separe de 6 a 8 tiras e cruze-as formando um X ou uma estrela no centro.
 - Comece a trançar em circular intercalando uma tira por cima e outra por baixo.
 - Vá girando e apertando, formando a base redonda da peça.
 3. Subida da lateral (formato do kuzuirê).
 - Quando a base estiver do tamanho desejado, comece a levantar as tiras para cima.
 - Continue trançando em espiral, mas agora moldando a forma arredada.
 - Mantenha firmeza nas mãos para que o formato vá ganhando curvatura natural.

 4. Finalização:
 - Faça o acabamento enrolando as pontas por dentro com a ajuda da agulha de madeira ou espinho.
 - Se for fazer uma alça ou tampa, comece uma nova sequência de trançado nas bordas.
- Dicas importantes :
- O segredo está na paciência e firmeza no trançado.
 - O formato do Kuzuirê (meia esfera) é moldado aos poucos com mãos.
 - A prática constante ajuda a deixar o trançado mais perfeito e simétrico.

Figura 12- Cofo Siktô kuzuirê pronto.



Sueli SIKTÔ KUZUIRÊ

Fonte: Autoria própria (2018).

3.4 Siktô Nrirê

São feitos pelas mulheres xerentes. Exige muita paciência, habilidade e conhecimento da natureza. É um cofo grande e largo feito para armazenar objetos maiores, podendo ser vistos nas paredes das casas.

A minha mãe me ensinou que tem que ter firmeza nos dedos pressionando os dedos sempre agasalhando com as mãos as palhas de Buriti. Após ser feito, esse cofo tem que ficar exposto ao sol por dois ou três dias dependendo do Sol. É um estilo de cofo que exige mais trabalho e habilidade porque ele vem com uma outra peça, a tampa. É um cofo de duas partes, a cesta e a tampa.

Passo a Passo:

1. Escolha e Prepare a Palha:
 - Escolhe a palha flexível e resistente, para o trançado não se quebre facilmente.
 - Corte a palha e divide ao meio.

2. Inicie o trançado:
 - Comece com as duas mãos fazendo com que duas palhas cruze-as para forma um padrão de "X".
 - Depois, vá alternando as tiras de forma que se entrelaçam. Isso pode ser feito da seguinte forma de dois em dois uma vai, em baixo e a outra vai por cima da outra.

3. Continuação do trançado:
 - Continue trançando as tiras, mantendo o padrão de entrelaçam até atingir o comprimento desejado.
 - A cada volta, ajuste a posição das tiras para que fiquem bem firmes e com um padrão de trançado bonito e uniforme.

4. Finalização:
 - Quando alcançar o tamanho necessário, finalize o trançado.
 - No final é necessário fazer um trançado tipo quando faz no cabelo para servir como alça.

Figura 13- Cofô Siktô Nrîrê pronto.



Fonte: Autoria própria (2025).

4 CONCLUSÃO: PEDAGOGIAS ANCESTRAIS VIVAS

Para concluir gostaríamos de sistematizar as pedagogias akwê da fabricação de cofos, segundo os ensinamentos que aprendi na prática com minha mãe quando eu mesma aprendi a fazer os cofos. Quando procurei minha mãe para aprender a fazer os cofos, eu lembrei de minha infância, de ver minha mãe fazer, mas devido a alta valorização do capim dourado eu mesma não dei muito valor aos trançados de palha e fita de buriti. É assim que as mulheres da geração da minha mãe aprendiam a fazer os cofos: convivendo com mulheres de diferentes gerações, geralmente a mãe, a avó, as tias ou as irmãs.

Minha mãe me contou que aprendeu a manusear a palha de buriti com a mãe dela, minha avó. A mãe da minha mãe aprendeu com a mãe dela, minha bisavó, e assim foi se formando uma geração de mulheres que sempre trançaram com as palhas e fibras do buriti. As mulheres de minha família estiveram o tempo todo convivendo com os buritis e com ele tecendo a vida no território onde até hoje vivemos.

Primeira lição: as mulheres compartilham entre si saberes que são ancestrais e estão no corpo das pessoas, nas memórias, nos afetos do parentesco e nas experiências vividas no território.

A segunda lição é um efeito da primeira. São as pessoas mais velhas que conhecem o território, isto é, detém a experiência de lidar com os materiais e as técnicas de extrair, preparar e confeccionar os artefatos. Dessa maneira, conhecer implica em uma interação contínua e orientada dos corpos das pessoas com os corpos dos buritis, com as partes de seu corpo e com a sua morada; o brejo, onde vivem os buritizais, não é um lugar tranquilo para as pessoas, ali é território de outro vivente, as cobras.

Além de não ser um saber meramente teórico - descolado do corpo, das mãos, do andar e do trançar – também não é simplesmente um saber que as pessoas mais velhas ensinam às mais jovens. Aprendemos por meio na interação direta de nosso corpo (mãos, olhos, atenção) com os buritis, e ele mesmo nos ensina como tecer e como complexificar os estilos de trançado. Trançar implica em estar com as palhas nas mãos, trata-se de uma ciência afetiva do concreto. Digamos que a pedagogia dos cofos faz parte de uma pedagogia ancestral em que mulheres, águas, vegetais, plantas, bichos e artefatos tecem a vida no território habitado por múltiplos corpos que estão em interação contínua. Alfabetecer o cerrado vivo e não apenas escrever sobre os saberes tradicionais em forma de conhecimentos domesticados pela escola, pelo alfabeto e pela pedagogia disciplinar monoepistêmica. Escrever conhecimentos e tecer palhas são

processos de ensino e aprendizagem que pode caminhar juntos, serem saberes e técnicas complementares, uma prática pedagógica transdisciplinar e pluriépistêmica.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Jorge. Encontro de saberes, descolonização e transdisciplinaridade: três conferências introdutórias. In: TUGNY, Rosângela Pereira de; GONÇALVES, Gustavo (orgs.). **Universidade popular e encontro de saberes**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – UnB, 2020. p. 13-57.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MORAIS NETO, Odilon R. **Saberes, pedagogias e territorialidades indígenas no antropoceno**. Projeto de pesquisa. Mimeo. Miracema do Tocantins: Universidade Federal do Tocantins, 2023.